



PROSA

Dois Dedos de

Nº 47 - Recife PE - Maio de 2006

Rebeca Barreto



Mata Sul tem cana agroecológica

Na Mata Sul de Pernambuco, o agricultor Zé Caboclo resolveu plantar a cana-de-açúcar no sistema agroflorestal - consórcio de várias culturas em uma só área de terra. O resultado: boa produção e cana limpa sem o uso de agrotóxico. [Leia entrevista nas páginas 4 e 5.](#)

Laudenice Oliveira



Em junho Recife é palco do II Encontro Nacional de Agroecologia | [Páginas 2 e 7](#)

Quintais Produtivos é um projeto do CEPAC/PI | [Página 6](#)

Adessu e Sabiá lançam campanha para preservar água | [Página 8](#)

Agricultura familiar e II ENA

Caros companheiros e caras companheiras, o Dois Dedos de Prosa que chega até vocês com novidades. Uma delas é a realização do Segundo Encontro Nacional de Agroecologia (II ENA), que acontece no Recife entre os dias 2 e 6 de junho.

Agricultores e agricultoras de todo o país se preparam, juntos com suas entidades e assessorias, para vivenciar o Encontro. Será um momento impar de estarmos analisando os avanços da caminhada agroecológica no Brasil.

A busca de parcerias e o estreitamento das relações institucionais, através das redes e articulações microrregionais, regionais e nacionais, vem se firmando como estratégias de ampliação do debate no campo da agroecologia com objetivo de influenciar nas políticas públicas, visando o fortalecimento da agricultura familiar agroecológica.

Nesta edição do DDP, mostramos o trabalho do agricultor agroflorestal José Caboclo, da Mata Sul de Pernambuco. Ele mudou seu sistema de produção, antes baseado na monocultura da cana-de-açúcar com a comercialização atrelada as usinas. Hoje Zé Caboclo, como é mais conhecido, direcionou sua produção de cana priorizando a segurança alimentar da família e a comercialização direta ao consumidor.

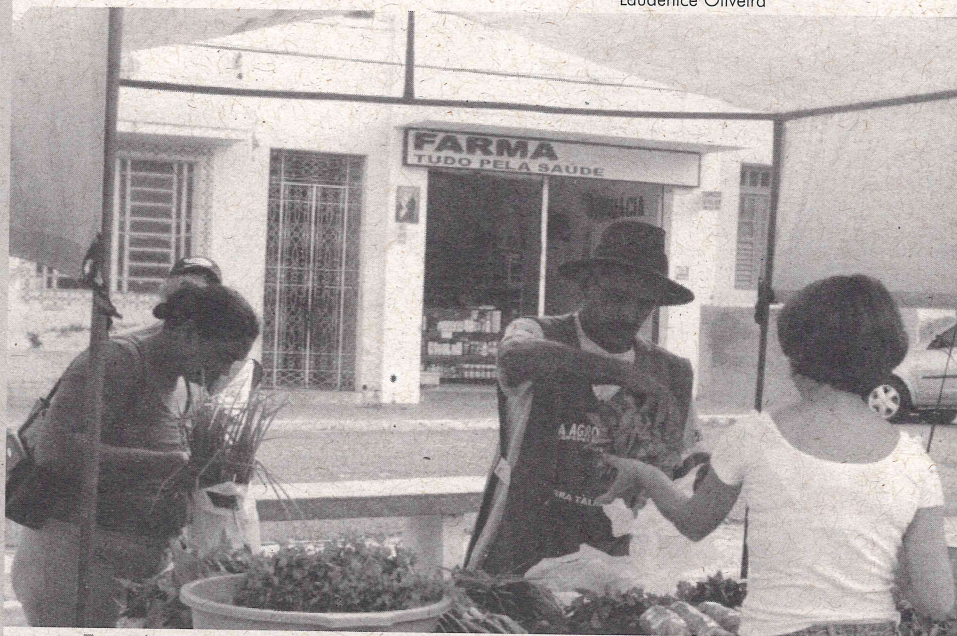
Neste número, também vamos falar do trabalho realizado pelo CEPAC, no Piauí, com os quintais produtivos. Nossa idéia é dar visibilidade ao que as organizações parceiras do Centro Sabiá vêm realizando no campo da agroecologia.

No Sertão, a Adessu Baixa Verde e o Sabiá lançam campanha de preservação dos recursos hídricos. A idéia é passar o ano realizando ações nas comunidades rurais da Serra da Baixa Verde na perspectiva de conscientizar a população para preservar córregos, cacimbas, riachos para que a água seja um bem que não falte.

Feiras agroecológicas

Fortalece laços solidários entre campo e cidade

Laudenice Oliveira



Feira Agroecológica de Serra Talhada - PE

POR AVANILDO DUQUE

Desde 1987 que o Caatinga, a Diaconia e o Centro Sabiá trabalham com as organizações as famílias agricultoras e entidades parceiras na perspectiva do acesso a mercado, como estratégia de fortalecimento da agricultura familiar.

Em vários municípios do Nordeste brasileiro, as feiras agroecológicas estão se firmando. São espaços onde agricul-

tores e agricultoras comercializam seus produtos diretamente ao consumidor, eliminando o atravessador. Em Pernambuco, sabe-se da existência de 25 feiras agroecológicas.

Há oito anos, as três organizações vêm construindo muitos aprendizados com essa dinâmica da comercialização. As experiências construídas vêm estabelecendo alianças efetivas entre o campo e a cidade, entre agricultura e saúde e entre geração de renda e preservação ambiental.

Famílias apostam na criação de cabras

Michele Zollini

Projeto reúne 18 famílias no assentamento Capim

POR ANTÔNIO CARLOS

No assentamento Capim, município de Sertânia, no Sertão do Pajeú, 18 famílias desenvolvem projetos de caprinocultura. A proposta foi construída coletivamente por agricultores e agricultoras, com a assessoria do Centro Sabiá e o apoio do Projeto Dom Helder Câmara.

As discussões para organizar o projeto surgiram no segundo semestre de 2003. Naquele ano, as famílias sentiam necessidade de realizar uma atividade geradora de renda, associando isso ao potencial que tem o assentamento e a região para o criatório. O projeto foi elaborado e aprovado pelos associados em 2004 e em junho de 2005, com a liberação de recursos para infra-estrutura, tiveram início as atividades.

A gestão é discutida com as famílias envolvidas nas atividades, que decidem sobre o que deve ser feito. O projeto vem a ser suporte econômico para as famílias, além de fornecer leite e carne no complemento alimentar. "Um cabrito desses é um calçado ou um remédio amanhã e o leite da cabra é nosso café da manhã com cuscuz", diz o presidente da Associação, Cícero Antônio da Silva.



Mulheres do assentamento cuidando dos caprinos

Fortalecimento da Associação

Todos os equipamentos adquiridos são de uso coletivo e pertencem à Associação. O Sabiá faz a assessoria técnica e todo mês a associação realiza reuniões para o acompanhamento coletivo. Essa dinâmica de trabalho ajuda no diálogo e troca de conhecimentos. Contribui, para o fortalecimento da vida associativa no Assentamento.

As famílias pretendem dar prosseguimento na expansão da proposta, porque identi-

cam potencialidades que asseguram a atividade, como o bom acesso para o escoamento dos produtos; a atividade já desenvolvida no dia-a-dia; há conhecimento acumulado sobre o criatório; o local é favorável e o mercado receptivo aos produtos. "No meu ponto de vista, a caprinocultura é a atividade que sobrevive com mais facilidade nas condições de estiagem em que vivemos", afirma Cícero Antônio.

Cana-de-açúcar agroecológica e agroflorestal

Rebeca Barreto



Agricultor acredita em um novo sistema de produzir cana na Mata Sul

POR REBECA BARRETO

Morador de Sirinhaém, cidade localizada na Mata Sul de Pernambuco, Seu Zé Caboclo, como é mais conhecido, é um agricultor que gosta de descobrir coisas novas para melhorar a sua vida e da família. Há alguns anos, a terra de Seu Zé só possuía um tipo de cultura, a cana-de-açúcar. Diante da possibilidade de mudar, ele não hesitou ao conhecer a agrofloresta e implantou o novo sistema na sua área. Há quatro anos que ele investe na melhoria de seu solo, das suas plantações e na saúde da família. Sua renda aumentou e a diversidade de culturas de sua área também. Nesta entrevista, o agricultor conta um pouco dessa história.

Dois Dedos de Prosa - Quantos hectares de terra o senhor tem?

José Caboclo da Silva - Tenho oito, e de cana tenho meio hectare.

DDP - Como o senhor conseguiu a terra?

Zé Caboclo - Comprada. O dono dessa parcela aqui tinha 40 hectares de terra. Fizemos um contrato, de quatro anos e aí eu vim trabalhar aqui nessa área. Quase a terra toda tava coberta de cana! Aí terminou o contrato e ele disse - como que nós vamos fazer? Então eu disse - Vamos trocar a minha safra por 10 hectares de terra? Eu queria dez, ele disse que só dava cinco. No final eu dei a minha safra por 8 hectares de terra. Pra mim foi lindíssimo, porque eu tava trabalhando aqui, aqui eu fiquei!

DDP - Há quanto tempo o senhor tem essa terra?

Zé Caboclo - Uma base de 12 anos. Eu morava numa barraquinha de palha ali embaixo. Hoje a gente tem essa casa aqui coberta de telha, a gente tem energia, água. Já tô ajeitando um açude ali para criar peixe. Daí pra frente, as coisas vão mudando.

DDP - O senhor entrega a cana que produz para a usina?

Zé Caboclo - Que usina menina! Esse negócio de usina terminou. Na usina você tem que morrer debaixo dos pés deles. Só quando eu tenho uma cana feia que não dá pro caldo, aí eu mando para a usina. E a parte melhor eu boto pra vender, porque a unidade vai render 25, 30 centavos. Eu acho que é muita coisa!

DDP - Onde o senhor consegue muda de cana?

Zé Caboclo - As mudas eu tenho aqui mesmo. Eu tenho muitas qualidades de cana que é boa. Se você pega dois ou três rebolos e planta, quando menos espera tá com 10, 12, 15 touceiras de cana. Eu tirando 100 canas, vendendo por 30 centavos no comércio vai dar trinta reais. Olhe, isso é uma besteira de serviço. Agora, você tem que botar em prática para que aconteça manejadamente. Tem gente que não acredita, corta quase uma tonelada de cana e vende só a treze centavos cada!.

DDP - Como o senhor iniciou a plantação de cana dentro da agrofloresta?

Zé Caboclo - Vieram me dizer, porque senão, eu não tinha nem como iniciar. Se você tá perdido, você precisa de uma ajuda. É justamente o

que acontece na Agrofloresta. Eu antes não entendia, eu plantava cana cortando o mato, deixava uma área descoberta de 10, 12 hectares de terra e roçava, tocava fogo, arava e plantava só cana. Para piorar, a gente não fazia conta de quanto gastou, só fazia a conta do apurado. Tava com aquele dinheiro na mão, que não é o lucro, e quando terminava de pagar as despesas, olhava pra trás só via mesmo o toco da cana. E na agrofloresta você já tá com o plantio determinado e certo. Então, é uma coisa que a gente tem trabalho, mas sempre tem lucro. Se você tiver praticando o que é necessário você vai ter lavoura em três a quatro anos, mas comendo, pegan-

"Noventa por cento de todas as nações se preocupam mais com dinheiro, mas meu negócio é preparar alimentação pra dentro de casa"

do dinheiro, com alimentação dentro de casa e vendendo no comércio. O que se deve controlar é a alimentação na barriga, porque você sem alimentação não pode conseguir nada. Tem gente que se preocupa muito com dinheiro, eu me preocupo muito com comida! Noventa por cento de todas as nações se preocupam mais com dinheiro, mas meu negócio é preparar alimentação pra dentro de casa.

DDP - A plantação de cana na agrofloresta começou na mesma época da implantação do sistema?

Zé Caboclo - Foi com um pouco de tempo que eu fui entendendo e fui plantando alguma touceira de cana

no meio da agrofloresta. Uma ali, uma mais na frente. A maioria fica separada, porque assim ela tem uma plantação melhor.

DDP - O que a agrofloresta trouxe de melhor para o senhor?

Zé Caboclo - Primeiramente a agrofloresta conserva o terreno, isso é a coisa mais importante. Você entende de plantar qualquer coisa e sabe que aquela área ali tá boa! Meu solo mudou muito, agora eu conheço melhor a minha terra. Nessa terra dá pra plantar tanta coisa que às vezes eu nem sei o que plantar! Por aí tem feijão, macaxeira, batata, inhame, cana. Uma parte da plantação fica em casa e outra é pro comércio. Não é uma coisa muita, mas tá bom do jeito que tá!

DDP - Hoje, a sua vida está melhor?

Zé Caboclo - Cem por cento melhor. Numa época, dessas quando eu terminava de moer a cana eu pensava: - e agora o que é que eu vou fazer, pra onde que eu vou? A gente passava 15 meses esperando pra poder ter o que fazer de novo. Você ficava sem dinheiro, tinha que correr atrás de comprar fiado e ficava com débito. A preocupação com trabalho e com dinheiro diminuiu. É muito bom quando você tá num trabalho certo e tá tudo certo. Ô coisa tão boa, você vive tranquilo! Hoje graças a Deus tomei a decisão certa. Não fiquei com medo não porque continuei plantando cana e ajeitando os outros plantios. Você tem que planejar tudo, seu tempo de trabalhar, quanto é que vai dar. Hoje, quando chega aqui alguém do Sabiá que vem dar assistência é muito bom. Eles sempre dão uma assistência muito boa pra gente!

Quintais Produtivos

POR ANTÔNIO BARBOSA
E LAUDENICE OLIVEIRA

Mulheres do Piauí desenvolvem agricultura nos seus quintais

No semi-árido piauiense um projeto é desenvolvido na perspectiva de valorizar o trabalho feminino, a melhorar o hábito alimentar das famílias e a geração de renda. O Projeto Quintais Produtivos é realizado em parceria com famílias agricultoras do município de Sigefredo Pacheco e o Centro Piauiense de Ação Cultural (CEPAC). Recebe o apoio do programa Petrobrás - Fome Zero.

A idéia é diversificar a produção, valorizar a biodiversidade e as relações entre mulheres, homens, sociedade e natureza. Quatro comunidades rurais estão envolvidas no trabalho: Arrelique, Vertente, Mocambo do Pedro 2 e o Assentamento Cancela do Brasão. Em cada comunidade foi formado um grupo com dez mulheres trabalhadoras rurais que desenvolvem atividades produtivas em área média de um hectare por família. Elas priorizam o cultivo de fruteiras, plantas medicinais, hortaliças e a criação de pequenos animais.

As ações desenvolvidas são baseadas nos princípios da agroecologia e no processo de construção coletiva do conhecimento. A preocupação é que o trabalho garanta às famílias direito a alimentação com qualidade e em quantidade suficiente, já que a proposta é ter uma produção com muita variedade.



Agricultora do projeto na horta do seu quintal

Troca de saberes

Os grupos de mulheres que fazem parte do projeto Quintais Produtivos participam de atividades que contribuem para melhorar a ação no dia-a-dia. Elas recebem acompanhamento técnico e têm momentos de formação. Realizam intercâmbios e dias de campo para socializar as experiências.

As entidades parceiras e representativas dos agricultores e das agricultoras como os sindicatos e associações, acompanham o projeto nas comunidades. De acordo com Barbosa do CEPAC, o trabalho vem apresentando bons resultados: "aumentou a auto-estima das mulheres,

valorizou o trabalho feminino; melhorou na alimentação das famílias porque consomem os produtos orgânicos das hortas, além de gerar renda para as famílias que já comercializam o excedente da produção", afirma ele. Para Verônica Moura, técnica do Sabiá que animou a oficina de agrofloresta na comunidade, essas iniciativas fortalecem a agricultura familiar agroecológica. "Porque motiva outras famílias a cultivarem suas terras na perspectiva da conservação das espécies nativas, na busca da segurança alimentar e contribui com a renda familiar, com a comercialização", explica Verônica.

Em junho tem **II ENA**

Encontro Nacional de Agroecologia Acontece no Recife

POR REBECA BARRETO

O II Encontro Nacional de Agroecologia será um espaço de troca de experiências e interação, envolvendo comunidades indígenas, pescadoras e quilombolas, agricultores e agricultoras familiares, movimentos sociais, organizações não governamentais, redes estaduais e regionais de agroecologia, entre outros. O evento terá um público estimado em 1.500 pessoas. Destas, 50% são mulheres. O II ENA acontecerá no Recife, no Campus da Universidade Federal de Pernambuco, entre os dias 02 a 06 de junho deste ano.

O Encontro é organizado pela

Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e visa fortalecer a unidade na diversidade do movimento agroecológico brasileiro para o projeto de desenvolvimento rural democrático, na luta contra o modelo do agronegócio.

Seis temas mobilizadores são estratégicos para as discussões do II ENA: Biodiversidade; construção coletiva do conhecimento agroecológico; direitos territoriais, reforma agrária e agroecologia; Política de crédito e gestão; relação com os mercados e segurança e soberania alimentar. Alguns temas serão trabalhados sobre todos os temas mobilizadores como gênero, raça, geração, etnia e políticas públicas.

Atividades e programação

Os participantes terão a oportunidade de conhecer a biodiversidade de produtos de diferentes regiões do país nas Feiras de Saberes e Sabores. Neste local, haverá exposição dos produtos: frutas, plantas, artesanatos e as pessoas poderão comprar se desejarem.

As discussões e as trocas de experiências serão feitas em seminários sobre os temas mobilizadores, em sessões de plenárias e em oficinas temáticas

relacionadas à agroecologia. Outras atividades como manifestações culturais, almoços agroecológicos e testemunhos de vida, irão fazer parte do evento para enriquecer a programação do II ENA.

Para participar do II Encontro Nacional de Agroecologia é preciso estar diretamente envolvido em alguma experiência agroecológica. Maiores informações no site da ANA (www.agroecologia.org.br)

Michele Zollini



Dona Ivonete, do Sertão/PE, colhendo mamão agroecológico

DISTRIBUIÇÃO DE VAGAS ENTRE AS REGIÕES:

Centro-Oeste (exceto MT) - 100 vagas
Nordeste - 500 vagas
Norte (incluindo MT) - 300 vagas
Sul - 300 vagas
Sudeste - 300 vagas
Total - 1.500 participantes

Preservar as fontes de água

Adessu e Centro Sabiá lançam campanha na Serra da Baixa Verde

A Vida Depende da Água. Preserve-a! Este é o título da campanha de preservação das fontes de água na Serra da Baixa Verde, lançada no final de março no Sítio São Gonçalo, em Santa Cruz da Baixa Verde, Sertão de Pernambuco. A campanha é promovida pela Associação de Desenvolvimento Rural Sustentável da Serra da Baixa Verde (Adessu Baixa Verde) e o Centro Sabiá. O lançamento aconteceu durante o encontro de integração comunitária promovido pela Adessu e contou com a participação de agricultores e agricultoras de quatro comunidades rurais de Santa Cruz: São Gonçalo, Lagoa das Dores, Sítio

Velho e Mundo Novo.

Durante o Encontro homens, mulheres, jovens e crianças participaram de oficinas temáticas onde a preservação das fontes de água e o cuidado com o meio ambiente serviram de base para as discussões.

O encontro terminou com a plantação de mudas frutíferas e nativas nas margens do rio da comunidade São Gonçalo e a inauguração do Poço Amazonas feito pela Adessu com a ajuda da comunidade. Os agricultores e agricultoras assumiram a responsabilidade de continuar fazendo o plantio de mudas para preservar o riacho. A campanha vai até o próximo ano.



Participantes plantam mudas

A importância das águas

A água é um bem da vida
Merece melhor tratamento
A cada 100 gotas que existem
Só uma serve ao sedento
de 10 tipos de doença
Oito são de águas por ausência
e descaso com o saneamento.

A correnteza do rio
carrega vida e poesia
No seu leito alimentos
Nas margens o sapo, a cantoria
Sustento, trabalho e diversão
Não faça do rio um lixão
Trate-o com mais cortesia.

Tem gente mal educada
Doméstica e industrial
Jogam lixo nos rios
Sem aperceberem-se do mal
Vão nossos rios matando
Nas águas peixes boiando
Vítimas da ignorância geral.
...A água que a gente consome
Vem do rio nosso irmão
Devemos matar a sede
Não o rio com a poluição
Doméstica, química e industrial
O assoreamento é um mal
Causado pela devastação

Do Cordel Salve o Rio Uma - Lute pela sua recuperação
Texto de Valmir Jordão | Editado pela Fase Pernambuco



Antônio Sabino, da Adessu, faz oficina sobre mata ciliar